



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

GERLÂNDIA GOUVEIA GARCIA

**REPRESENTAÇÕES FEMININAS NOS
FABLIAUX MEDIEVAIS**

CAJAZEIRAS – PB
SETEMBRO – 2013

Gerlândia Gouveia Garcia

**REPRESENTAÇÕES FEMININAS NOS
FABLIAUX MEDIEVAIS**

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção do título de licenciada em História.

Orientação: Prof. Dra. Mariana Moreira Neto

Cajazeiras – PB

Setembro – 2013

FICHA DE APROVAÇÃO

GERLÂNDIA GOUVEIA GARCIA

Defesa da Monografia:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Mariana Moreira Neto
(Orientadora)

Prof. Dr^a. Rosemere Olímpio de Santana
(Examinadora)

Prof. Ms. Leonardo Bruno Farias
(Examinador)

Prof. Dra. Silvana Silveira de Souza
(Suplente)

Cajazeiras, ____ de _____ de 20 ____.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos Deuses, aos orixás, ao cosmos, enfim, a todas as forças positivas que existem no mundo e que nos impulsionam a enfrentar os momentos mais difíceis da vida.

Ao meu marido, Marcílio Garcia de Queiroga, pela sua colaboração neste trabalho, com as traduções, revisão e discussão de textos, por possibilitar que o meu sonho se tornasse realidade contribuindo ao longo do curso, principalmente pelo seu amor pela literatura e pela educação, o que influenciou a seguir o caminho da docência.

Um agradecimento especial aos meus pais: Geralda Gouveia de Souza e José Izidro de Souza Filho, por terem me educado e contribuído com seu amor e carinho para me transformar na pessoa que sou hoje.

À minha orientadora a professora Doutora Mariana Moreira Neto, por aceitar a orientação deste trabalho e pelas suas contribuições para a construção deste.

A todos os professores do Curso de História do Centro de Formação de Professores- CFP/UFCEG, em especial aos professores: Isamarc Gonçalves Lôbo, Viviane Gomes de Ceballos e Rodrigo Ceballos pela minha inserção em projetos de pesquisa, na organização de eventos acadêmicos e na monitoria, atividades fundamentais para a minha formação acadêmica e científica.

À Joana Sousa e Marta Maria, que, na secretaria do Curso de História sempre mostraram disposição e competência na solução de todos os problemas levados por mim.

À turma do curso de História do período 2009.1, por todos os momentos difíceis e felizes vivenciados durante todos esses anos. À Girlene Terto, pela parceria nas monitorias e à Nadja Claudino pela parceria nos trabalhos e na vida.

Enfim, agradeço a todos aqueles que de alguma maneira acreditaram na minha capacidade e que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho. Hoje tenho orgulho de dizer: sou PROFESSORA E HISTORIADORA!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo acerca das representações das mulheres no medievo representadas através dos *fabliaux* medievais, textos anônimos que circularam entre os séculos XIII e XIV, a fim de observar se o texto literário também é um veiculador do discurso misógeno ou de aversão às mulheres, bastante presente na Idade Média. Através destes textos procuramos traçar os perfis femininos apresentados através dos narradores e compará-los com os textos da época que mais disseminavam a mulher como ser inferior, ou seja, os religiosos e filosóficos. Os resultados mostraram que a mulher representada nos *fabliaux* analisados é frequentemente apresentada como ser inferior ao homem, mas em alguns momentos apresenta-se com um perfil que pode contrariar ao mostrado nos textos filosóficos e religiosos. Paralelamente foram analisados os perfis masculinos. A análise também permitiu observar como se deu a representação de outros aspectos da vida medieval, tais como comportamentos, hierarquia social, religiosidade, entre outros.

Palavras-chave: Representação; Misoginia; Mulher; *Fabliaux* medievais;

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 6 |
| | |
| CAPITULO I | |
| 1.1 – Nova História..... | 8 |
| 1.2 –Literatura em diálogo com a história..... | 12 |
| 1.3 - Estudos de gênero como suporte para análise do texto literário/histórico..... | 14 |
| | |
| CAPITULO II | |
| 2.1 – A sociedade do século XIII | 16 |
| 2.2 – <i>Fabliaux</i> : retratos do medievo | 19 |
| 2.3 – Tradição religiosa e misoginia | 21 |
| | |
| CAPITULO III | |
| 3.1 Breve apresentação dos <i>fabliaux</i> | 28 |
| 3.2 As representações femininas nos <i>fabliaux</i> | 31 |
| | |
| COSIDERAÇÕES FINAIS..... | 40 |
| | |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 42 |

INTRODUÇÃO

Os séculos XIII e XIV foram marcados por concepções teológicas. A ideia de Deus como centro de todas as coisas e do homem (ser masculino) como uma criação singular feita à sua imagem e semelhança, desenvolveu a imagem do homem ser perfeito por natureza. A mulher, ser que surgiu posteriormente, foi relegada à segunda opção da criação e vista como um ser inferior, cheio de defeitos e carregada por uma aura negativa, com discursos de ataque principalmente por parte dos religiosos. Estas atitudes sociais em relação à mulher constituíram o que chamamos de misoginia, ou seja, um ódio/aversão. O discurso misógeno esteve presente em muitos espaços da Idade Média, entre eles o da literatura, o qual pretendemos investigar.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo acerca das representações das mulheres medievais, tomando como base textos literários veiculados entre os séculos XIII e XIV, os *fabliaux*¹, a fim de traçar a construção dos perfis femininos apresentados através do discurso dos narradores comparando-os aos textos religiosos e filosóficos da época que veiculavam uma imagem de inferiorização da mulher, vista como um ser pútrido, dissimulado, enganador, entre outras características negativas.

Para a realização da pesquisa foram feitas leituras de textos de cunho teóricos e análises de trabalhos que contemplam a questão da mulher na Idade Média com a intenção de demonstrar a forte tendência misógena medieval nos textos do período. Pretendemos ao longo do trabalho responder a três perguntas:

- 1-Como a mulher era representada nos *fabliaux*?
- 2 - Havia uma inferiorização da mulher nos *fabliaux* assim como havia nos textos religiosos e filosóficos da época?
- 3 - Como se configurava a relação entre personagens masculinos e femininos nos *fabliaux*?

No primeiro capítulo será feita uma abordagem acerca da renovação do pensamento histórico, mostrando de que forma essa renovação possibilitou aos historiadores utilizarem diversas fontes para construção do fazer histórico, destacando-se, entre elas, a literatura que, no nosso trabalho será analisada com fundamento dos estudos de gênero.

No segundo capítulo serão apresentados os aspectos da vida pública e privada da sociedade medieval destacando o surgimento dos *fabliaux*, as discussões sobre aspectos

¹ A grafia *fabliau* é utilizada para indicar a forma singular e *fabliaux* para o plural.

religiosos que influenciaram fortemente o comportamento da sociedade medieval, bem como dando ênfase à reflexão sobre a misoginia, discurso ou atitude marcante em muitos dos textos religiosos e filosóficos do período em questão.

No terceiro capítulo mostraremos a diversidade de construções dos perfis femininos a partir da cultura do medievo, ou seja, de que forma os textos, como veículos de pensamentos e construções ideológicas contribuem através de seus discursos para modelar as muitas faces femininas. Para isso, analisaremos a construção dos perfis femininos e masculinos apresentados através do discurso dos narradores, com a hipótese de que os *fabliaux* também são veículos de inferiorização da mulher. Três são os textos propostos para a nossa análise: “Da mulher a quem arrancaram os colhões”, “Os calções do franciscano” e “Da jovem que não podia ouvir falar de foder sem sentir náuseas”. Todos os textos são de autores anônimos. Por fim, os resultados e discussões finais aparecerão nas considerações finais.

CAPÍTULO I

1.1. Nova História

A interação da história com a literatura vem sendo ao longo de alguns anos tópicos de debate nas pesquisas historiográficas, principalmente no que concerne ao uso do texto literário como fonte de pesquisa histórica. Para compreendermos essa relação necessitamos, antes de passarmos à nossa próxima discussão, percorrer o caminho que a história tem trilhado no seu estabelecimento como disciplina. Façamos, portanto, uma breve retrospectiva da sua origem e evolução seguindo a ordem cronológica.

A palavra “História” foi utilizada pela primeira vez pela civilização grega, e essa “História” tinha como objetivo o registro e a interpretação das ações humanas de alcance limitado, baseando-se em documentos visuais e orais, de forma que só quem presenciasse o evento poderia relatá-lo com eficácia (REIS, 2007, p. 16). Assim, segundo o autor o historiador só poderia oferecer aos homens a felicidade individual, atribuindo a eles uma reputação de heróis, a fama eterna, a lembrança do seu nome e dos seus feitos. O tempo para os gregos era cíclico e repetitivo, o passado se repetiria no futuro e as mudanças ficariam por conta do acaso (REIS, 2007, p.17).

A mudança seria da ordem irracional, incognoscível, incompatível com um pensamento que buscasse a verdade. A mudança é “fortuna”, “acaso”, “contingência”, “sorte-azar”, “vicissitude”. Pode-se mudar da riqueza para a pobreza, da vitória para derrota, da escravidão para liberdade e vice-versa. A mudança deve ser encarada virilmente, sabiamente. (ibid., p. 17)

Na Idade Média a concepção de História passa a ter conotação diferenciada, com um olhar mais voltado para o aspecto religioso e regida pelo teocentrismo, ou seja, Deus como divindade maior, a verdade sobre o mundo e sobre todas as coisas, devendo todas elas ser buscadas em seu nome. Assim, segundo Reis (ibid., p. 19) no período citado os eventos históricos eram apresentados como manifestações de Deus, cuja vontade devia ser decifrada. O destino das nações, as lutas políticas se submetiam à vontade divina. O futuro pertencia a Deus, o único capaz de revelá-lo, dependendo da fé e não das leis naturais ou históricas. A humanidade teria uma história comum, com uma única direção: a Salvação, a Redenção. (2007, p. 20).

Na modernidade, com o advento da revolução cultural, o teocentrismo cai por terra, dando lugar a uma nova temporalidade e a um novo sujeito histórico. O que rege o mundo agora é o material, o racional e é a racionalidade que será à base de todo o conhecimento.

Conforme Reis (ibid., p 23) emerge um novo personagem na história: o homem da cidade, o burguês, o comerciante que passa a ser o novo objeto de estudo.

De acordo com Gomes (2005, p. 121), no Renascimento surge também o interesse pelos textos da antiguidade, sendo este um dos fatores importantes para o nascimento da arqueologia. Esses manuscritos eram estudados e comparados com a finalidade de estabelecer sua veracidade. Isso, segundo o autor, se dá não só pela importância que se atribuiu à razão, como também pela necessidade de apurar a veracidade das informações contidas.

No tocante ao século XVIII, conhecido como Era das Luzes, as características marcantes foram a defesa da ciência e da racionalidade crítica contra o pensamento alicerçado nos dogmas difundidos pela Igreja, além da defesa das liberdades individuais contra os abusos da monarquia absolutista. Nesse sentido, Gomes (2005, p. 124) diz que a História era construída em um movimento ascendente em direção a um Estado ideal que poderia ser alcançado através das reformas. A escrita da história nesse período era produzida por historiográficos, frequentemente juristas e magistrados, junto ao, e a serviço do príncipe, a partir de um "lugar" privilegiado onde, para a "utilidade" do Estado e do "bem público", deveriam fazer concordar a veracidade da letra e a eficácia do poder, assinala Certeau (1982, p. 17).

O século XIX foi marcado pelo Positivismo, corrente que tinha como objetivo transformar o conhecimento histórico em uma ciência. Os positivistas acreditavam que podiam criar a verdade dos fatos, instituindo uma narrativa verdadeira, para isso seria preciso estabelecer a história dos fatos em sua forma real como aconteceu no passado. O historiador teria a função de recuperar os eventos e fazer uma narrativa através da documentação. Dessa forma, a história se limitaria a documentos escritos de eventos políticos considerados oficiais. O historiador se resumiria, portanto, à habilidade de tirar dos documentos tudo que eles continham, e nada acrescentar, pois o melhor historiador é aquele que está mais perto dos textos, que os interpreta com maior justeza, que só escreve ou mesmo pensa, segundo eles, exigindo do historiador uma postura de neutralidade, de afastamento de qualquer traço de subjetividade na descrição ou narração dos fatos.

A história científica, portanto, seria produzida por um sujeito que se neutraliza enquanto sujeito para fazer aparecer o seu objeto. Ele evitará a construção de hipótese, procurará manter a neutralidade axiológica e epistemológica, isto é, não julgará e não problematizará o real. Os fatos falam por si e o que pensa o historiador a seu respeito é irrelevante. Os fatos existem objetivamente, em si, brutos, e não poderiam ser recortados e construídos, mas sim apanhados em sua integridade, para se atingir a sua verdade objetiva, isto é, eles deverão aparecer "tais como são". (Reis, 2004, p.18).

O que não se pode deixar de destacar é que mesmo uma pretensa neutralidade tem seu lado subjetivo.

O materialismo histórico elaborado por Karl Marx e Friedrich Engels, no século XIX, trouxe mudanças na construção do pensamento historiográfico. O marxismo, segundo Reis (1996), pretendeu recusar as filosofias da história e fundar a “história científica tomando como objeto de pesquisa as estruturas econômicas sociais, individuais das lutas de classes e das iniciativas individual e coletiva.”

O sentido da história seria a emancipação dos homens pela ação de um sujeito coletivo, o proletariado, que implantaria o universo humano, fazendo cessar a luta de classe. A história seria, então, uma sucessão de processos particulares, que recomeçam sempre depois de uma ruptura e terminam em outra. Reis destaca também a função que o marxismo dá ao historiador, pois este era impulsionado a fazer análises e trazer a história para perto de si, pois para o pensamento marxista o passado se traveste de presente e o futuro é utópico.

No século XX contrapondo todas as construções do pensamento historiográfico acima citado surgiu a Escolas dos Annales, tendo como precursores Marc Bloch e Lucien Febvre. Eles pretendiam exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica. Eles pretendiam exercer uma liderança intelectual nos campos da história social e econômica. Essa nova concepção seria o porta voz, ou melhor, dizendo, o auto falante de uma abordagem nova e interdisciplinar da história (BURKE, 1997, p. 33). A história, a partir de então, possibilitou ao historiador ampliar sua visão do homem, e estudá-lo nos mais diversos aspectos, como a sua maneira de sentir, pensar e agir. Enfim, descobri-lo na plenitude de suas virtualidades, que se inscreviam concretamente em suas realizações históricas (ODÁLIA, 1997, p.04).

Sendo assim, a história passou a buscar compreender e analisar a sociedade apresentando todos os aspectos possíveis da vida humana. Para isso foram incorporados campos de estudos que possibilitam analisar os fatores econômicos, da organização social, da psicologia, das mentalidades e das representações. O campo das representações terá um papel essencial nesse trabalho, pois este, de acordo com Santos (2011, p. 32), tem como pressuposto os estudos dos fenômenos humanos que podem ser conhecidos e explicados a partir de uma perspectiva coletiva, sem ignorar o indivíduo. Trata-se de uma forma de conhecimento que tenta construir uma realidade comum a um conjunto social.

A teoria das representações sociais se interessaria, dessa forma, por compreender como os indivíduos, inseridos em seus respectivos grupos sociais, constroem, interpretam configuram e representam o mundo em que vivem. Assim entendidas, as representações sociais são sintetizadores das referências que os diversos grupos fazem acerca do que conseguem

apreender de suas vivências sociais inseridos no tempo e espaço. (SANTOS, 2011, p. 34).

A autora apresenta ainda o conceito de representações sociais, do teórico Roger Chartier. Em sua obra, o teórico coloca que a sua história cultural tem como principal objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier apud Santos, 2011, p. 34). E que é neste contexto que as representações sociais são inseridas. Suas preocupações são, entre outras coisas, temas como: as atitudes perante a morte, os comportamentos religiosos, as crenças, as formas de sociabilidade, as relações de parentesco, etc. Desta maneira, segundo Chartier, pode-se pensar uma história cultural que “tome por objetivo a compreensão das representações do mundo social, que o descrevem como pensam que ele é ou como gostariam que fosse” (Chartier apud Santos 1990, p.19). As representações do mundo social seriam determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam.

Com abertura de novos campos de estudos, ocorreu também uma mudança significativa em relação à documentação. Antes dos Annales a construção histórica baseava-se na documentação relativa aos acontecimentos e aos seus produtores. A partir do surgimento da referida corrente a documentação passou a ser massiva e involuntária, em relação aos documentos voluntários e oficiais.

Se antes a documentação era relativa ao evento e seu produtor, o grande personagem histórico em suas lutas históricas, agora ela é relativa ao campo econômico-social-mental: ela se torna massiva, serial, relevando o duradouro, a permanência, as estruturas sociais. (Reis, 1994, p. 19)

A nova concepção rompe, ainda, com as definições dos tempos, passado e presente, para a construção de uma história que tenha como instrumento de estudo não somente os acontecimentos pretéritos, mas também a sociedade contemporânea, pois o atual ajuda a pesquisar o passado e permite valorizar o seu conhecimento.

O tempo histórico novo é neutro em relação a valores. A história não é compreendida como tendo assintoticamente em direções a um ideal final. Ela não se explica telelogicamente. As direções, pois, são múltiplas dos processos. O conhecimento da direção do tempo não é dado antecipadamente: é constatado. O desdobramento do tempo não é, portanto, uniforme. (REIS, 1994, p. 21)

Com isso, podemos hoje construir a história a partir de diversas fontes entre elas a literatura, que, nas últimas décadas, passou a ser vista, entre os historiadores, como material propício a múltiplas leituras, especialmente por sua riqueza de significados para o

entendimento do universo cultural, dos valores sociais e das experiências subjetivas de homens e mulheres (FERREIRA, 2009, p.64).

1.2. Literatura em diálogo com a história

No século XX, a história passou a dialogar com diversas áreas das ciências humanas, como a Filosofia, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, a Crítica Literária, a Linguística e a Arte. A interação da história com os vários conhecimentos das ciências humanas permitiu constituir e orientar a construção e a reconstrução de conceitos da realidade social. Assim, as mais diversas obras humanas produzidas nos mais diferentes contextos sociais e com objetivos variados podem ser chamados de documentos históricos, identificados e utilizados por autores, pelas pessoas de modo geral capazes de distinguir os significados particulares atribuídos a um mesmo conceito presente nos textos jornalísticos, literários ou científicos.

A historiografia levou algum tempo para admitir que a literatura pudesse contribuir para o conhecimento das experiências individuais e coletivas de homens e mulheres no tempo. Foi preciso compreender que a história também comportava dimensões subjetivas, imaginárias, oníricas e ficcionais, tão importante quanto os acontecimentos políticos, sociais e econômicos. (FERREIRA, 2009, p.84.)

Segundo Antônio Celso Ferreira (2009, p 64) o trabalho com fontes literárias na pesquisa histórica era também realizado na década de 1970 por alguns historiadores ingleses preocupados em renovar a historiografia marxista, que até então enfatizava os estudos das estruturas econômicas e sociais. Ao dedicarem atenção especial á cultura para a compreensão das relações sociais, eles encontraram na produção literária uma das fontes mais significativas.

No entanto, Antônio Candido de Mello e Sousa destaca que a Literatura é parte integrante da cultura e como tal deve ser pensada em relação ao humano e sua expressão. O autor coloca, também que, tanto a literatura como a história refletem uma realidade expressa através de uma narrativa verossímil, construída conforme o condicionamento da sociedade. Constituem uma perspectiva dentre várias outras que, ao longo dos anos, pode ou não se eternizar no imaginário coletivo, variando conforme a nova aparência que adquire posteriormente, servindo a uma releitura das questões do presente.

Clío se aproxima de Calíope, sem com ela se confundir. História e Literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do

não visto, através da suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música. (PASAVENTO, 2006, p. 03).

O problema, de acordo com Candido, está no fato de que, enquanto a literatura admite e valoriza seu aspecto fictício, reivindicando o poder da imaginação na interação entre passado e presente, a história nega a ficção de sua narrativa, assumindo uma postura científica que tenta destituir sua aproximação junto à literatura e sua vertente imaginária para, a reboque, legitimar o saber como verídico ao invés de simplesmente verossímil.

Já Passavento (2006, p. 03) coloca que é preciso assumir posturas epistemológicas que diluam fronteiras e que, em parte, relativizem a dualidade verdade/ficção, ou a suposta oposição real, não-real, ciência ou arte, para enfrentar esta duas formas de conhecimento ou discurso sobre o mundo.

A obra literária não tem compromisso, nem a preocupação de explicar o real, nem tampouco de comprovar fatos. A História tem o real como referência, já a Literatura, o imaginário. Em suma, a História é a viagem à realidade de diferentes épocas enquanto a Literatura é a viagem imaginária a diferentes períodos.

A Literatura não se explica completamente pela História, nem esta pela Literatura. No entanto, não poderíamos conceber nem uma, nem outra isoladamente.

A História não concebe séries isoladas: uma série, enquanto tal é estática, a alternância dos elementos nela pode ser somente uma articulação sistemática ou simplesmente uma disposição mecânica das series, mas de modo algum um processo histórico; só a determinação de uma interação e de um mútuo condicionamento de dada série com outras cria a abordagem histórica. É preciso deixar de ser apenas si próprio para entrar na História (BAKHTIN, 1988, p. 26-7).

Ginzburg (apud Passavento, 2006, p. 09) diz que a literatura é fonte de si mesma enquanto escrita de uma sensibilidade, enquanto registro, no tempo, das razões e sensibilidades dos homens em certo momento da história. Dos seus sonhos, medos, angústias, pecados e virtudes, da regras e da contravenção, da ordem e da contramão da vida. A literatura registra a vida. Literatura é, sobretudo, impressão de vida. E, com isto, chegamos a uma das metas mais buscadas nos domínios da História Cultural: capturar a impressão de vida, a energia vital, a *enargheia* presente no passado, na raiz da explicação de seus atos e da sua forma de qualificar o mundo.

Antônio Celso Ferreira (2009, p 68) coloca que, a pesquisa histórica tem contribuído justamente para a compreensão dos modos como a literatura foi concebida, particularizada em relação a outras expressões orais ou escritas, transmitida, lida, compartilhada ou apropriada pelos diferentes grupos sociais das diversas épocas e sociedades. E, sobretudo, para o

entendimento dos distintos papéis que, ao longo tempo, ela desempenhou na existência dos seres humanos, em suas várias dimensões sociais ou subjetivas.

1.3. Estudos de gênero como suporte para análise do texto literário/histórico

O termo gênero, segundo Rachel Soihet (1997, p. 279), desde os anos 70 do século XX, tem sido usado para teorizar a questão da diferença sexual e, inicialmente foi usado pelas feministas americanas que queriam persistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra “gênero” indica uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. A autora destaca, ainda, que o termo gênero se torna uma maneira de indicar as “construções sociais” a criação interinamente das ideias sobre os papéis próprios atribuídos aos homens e às mulheres. O “gênero” sublinha também o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, sendo assim, nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que considere totalmente em separado.

Para todos os lugares que olharmos homem e a mulher não são apenas diferentes, mas se completam tão bem que, juntos, são quase todos poderosos: senhores da vida, artesão de sua sobrevivência, de seu prazer e do calor afetivo necessário, sem o qual o humano se deteriora também. Separados um do Outro, parecem ao mesmo tempo inúteis e em perigo de morte, como se apenas a unidade dos tivesse sentido e eficácia. Um deve esposar o Outro e colaborar com ele para que a humanidade fique completa, isto é, “realizada, acabada, perfeita”. Nada indica a priori a supremacia de Um ou menor necessidade do Outro. (BINDINTER, 1986, p. 23).

As novas abordagens historiográficas possibilitaram a ampliação de estudos de gênero na história, para explicar não só as questões femininas, mas também as masculinas, construídas social e culturalmente.

A presença intensificada das mulheres em diferentes espaços estimulou os estudiosos da área, na reconstrução das experiências vividas e expectativas das mulheres nas sociedades passadas, descobrindo-as como sujeito da história e objeto de estudo. A mulher não é mais apenas focalizada no exercício do trabalho, da política, no terreno da educação, ou dos direitos civis, mas também se introduzem novos temas na análise, como a família, a maternidade, os gestos, os sentimentos, a sexualidade e o corpo, entre outros. (SOIHET, 1997, p.280)

O crescimento desta produção permite apontar que não se trata apenas de incorporar as mulheres no interior de uma grande narrativa pronta, quer mostrando que as mulheres atuaram tanto quanto os homens na história,

querem destacando as diferenças de uma “cultura feminina”, perdendo-se, assim, a multiplicidade de ser feminino, podendo cair numa mera perspectiva essencialista (MATOS, 1998, p.69).

Nessa linha de pensamento Matos (1998) diz que, no diálogo constante no campo interdisciplinar dos estudos de gênero, emerge o enfoque cultural na história o que possibilita recuperar outras manifestações passadas da experiência coletiva e individual de mulheres e homens, destacando que o social é historicamente constituído, nele as experiências sociais femininas e masculinas diferenciadas emerge numa condição própria em sociedade específica. Nesse sentido, é importante observar as diferenças sexuais enquanto construções culturais, lingüísticas e históricas, que incluem relações de poder não localizadas exclusivamente num ponto fixo – o masculino -, mas presentes na trama histórica.

E essa inserção do gênero, como categoria de análise na historiografia, trouxe à tona uma gama de fontes interdisciplinares, que possibilita interpretar discursos veiculadores de uma visão que inferioriza as mulheres em quaisquer dos campos em que ela atue, seja acadêmico, religioso ou mesmo no âmbito doméstico. Discurso esse caracterizado como misoginia, muito difundido na Idade Média, e constante ainda em nossos dias.

Essas premissas que refutam a mulher, colocando-a como inferior ao homem, são percebidas no medievo, através dos textos religiosos, filosóficos e principalmente em obras de literatura da época. Assim, mostra-se pertinente analisar os perfis femininos, bem como os masculinos, construídos através dos narradores dos *fabliaux*, textos populares e bastante difundidos na Idade Média.

CAPÍTULO II

2.1. A sociedade do século XIII

De acordo com os autores Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt (2006), entre os séculos XIII e XIV, a Idade Média (Baixa Idade Média) foi marcada por várias transformações econômicas, religiosas, políticas, culturais e tecnológicas. É nesse período que se registram os mais encorpados movimentos de urbanização e aumento populacional devido à diminuição das guerras e o fim das cruzadas. É, também, a época em que o feudalismo entra em declínio dando lugar aos burgos.

A cidade medieval passa a ter grandes proporções, com concentração de atividades e população em um pequeno espaço que, contrariamente, se encontra inserido em uma imensa região. O aumento populacional ocorrido nesse período não alterou essa configuração, ou seja, havia uma grande população em um número menor de terras povoadas. A cidade medieval é o lugar onde se articulam o artesanato e o comércio, sustentados por uma economia monetária.

Le Goff e Schmitt (2006, p. 219) definem a história da cidade medieval como resultado da interligação entre a cidade real e imaginária, esta última almejada por seus habitantes, artistas, filósofos e literatos. A percepção das relações econômicas, sociais e políticas por parte dos cidadãos, segundo os autores, é fortemente marcada por imagens e símbolos frequentemente impostos por clérigos, intelectuais, pregadores nos seus sermões, urbanistas, artistas e os comanditários em suas obras.

Os autores afirmam, ainda, que, entre os séculos XI e XIV, a cidade medieval é moldada por novas atividades, novos grupos dominantes, novos poderes, que oferecem pouco a pouco uma nova imagem material e simbólica, e que exercem grande papel na formação do imaginário urbano. É uma cidade vertical dentro dos seus muros erçados de campanários e igrejas e de torres de casas ricas e poderosas que afirmam seu poder em construções cada vez mais elevadas (altas), vistas como uma forma de alcançar os céus. Logo alcançariam a Deus (LE GOFF, 2006, p. 224).

E é sob esse novo olhar que a Igreja, durante o século XII, vai cristianizar a cidade a partir das velhas estruturas da religião católica. Somente a partir do século XIII, a Igreja passou a conceber a cidade a partir da teologia. São Tomaz de Aquino e seus discípulos tomam como empréstimo a ideia de Aristóteles, a qual tem o homem como animal político, isto é urbano (LE GOFF, 2006, p. 230).

A concepção cristã da Idade Média é, portanto, uma concepção teológica, que tem Deus como centro de todas as coisas. A sociedade é regida pelos preceitos bíblicos, os quais pregam que o homem é uma criação singular de Deus e por isso foi criado à sua imagem e semelhança. “Criou, pois, Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (Gênesis 1:27).

A figura de Deus está muito presente na sociedade medieval. Os cristãos dirigiam-se à divindade através de preces e invocações, ou seja, em várias ocasiões da vida cotidiana. Ele é o todo poderoso eterno, onipotente e exerce sobre os dois planos estreitamente ligados, o espiritual e o temporal.

Deus é constantemente nomeado, invocado, embora nem sempre da maneira como a Igreja gostaria: as juras e blasfêmias testemunham que o nome de Deus ao menos não é ignorado. Sem dúvida na provação é grande a tentação de duvidar da bondade de Deus e de sua misericórdia, de barganhar seu apoio e desafiá-lo, como a qualquer outro santo, a provar sua onipotência. As coleções de milagres comumente põem em cena espíritos fortes que pretendem medir-se com Deus (ou com santo local) e que por isso são milagrosamente castigados (LE GOFF E SCHMITT, 2006, p. 219).

Há também, segundo os autores anteriormente citados, uma dualidade que assola a sociedade do medievo: o bem e mal, Deus e o Diabo. O cristianismo sempre se esforçou por se distinguir do dualismo - que se pode definir por duas ideias essenciais, o princípio do mal não foi criado por Deus e é totalmente independente dele; o mundo do material não foi criado por Deus, mas pelo princípio do mal. A doutrina cristã sustenta, ao contrário, que Deus é forte e senhor de todas as coisas, enquanto Satã é uma criatura, um anjo caído.

Segundo Le Goff & Schmitt (2006), o diabo tem por identidade Lúcifer, o nome do mais luminoso dos anjos antes da queda, mas continua a ser usado para designá-lo mesmo depois que se tornou o príncipe do inferno. Este é o caso em particular, no teatro religioso do fim da Idade Média, no qual o recurso ao diálogo é uma existência de gênero: Lúcifer é o senhor, aprisionado nas profundezas do inferno, enquanto Satã é o primeiro dos seus servidores, seu bode expiatório encarregado de missões na terra.

Na terrível guerra que torna entre as forças do bem e as do mal, desde a queda dos anjos até o desenlace escatológico pelo apocalipse, a tentação de Adão e Eva marca uma primeira vitória de Lúcifer. Por causa do pecado original, o homem é submetido ao poder do Diabo. Suas duas armas favoritas são a tentação e a trapaça. Tenta o diabo insinuar no coração dos homens a culpa, seja por meio de aparição, de sonho (frequentemente considerado de origem diabólica), ou somente provocando maus pensamentos, tentações da carne, do dinheiro, do poder e das horas mais terríveis.

O maligno pode se insinuar no corpo dos Homens, “possuí-los ao ponto de perderem toda vontade própria. Ele também sabe ser mais discreto para inspirar os maus: nas imagens, vemo-lo destilar seus pérfidos conselhos nos ouvidos de maus príncipes, como Saul ou Herodes, ou ainda insinua-se na boca de Judas no momento da Ceia. Sabe-se que ele intervém em todas as questões do mundo daqui de baixo. Também não se hesita em instrumentalizá-lo, ao ponto que, e, certos conflitos, um dos lados apregoa que uma carta de Lúcifer foi endereçada ao chefe do campo adversário oferecendo-lhe seus “amigáveis” conselhos. (LE GOFF E SCHMITT, 2006, p. 324).

Nas artes, os preceitos bíblicos eram retratados através das pinturas medievais e dos vitrais das igrejas, como formas de ensinar à população sobre a religião, boas maneiras, a relação e a distinção entre o bem e o mal, pois a maioria da população era constituída por leigos, daí a necessidade da educação religiosa. Assim, a Igreja detinha certo poder sobre a vida comum, no que diz respeito ao desenvolvimento moral de sua atividade.

A maior parte da população dedicava-se à agricultura, isso fazia com que suas vidas fossem reguladas pelo ritmo de crescimento dos vegetais e da reprodução animal, a vida dos camponeses é uma luta constante contra as deficiências do solo e das ferramentas. As estações do ano também influenciavam no ciclo dos trabalhos, a exemplo das sementeiras, apoda das árvores e da videira, que ocupam os dias frios e curtos do inverno. Ao longo de todo verão e de seus dias prolongados ocorriam as colheitas, um trabalho pesado, que envolvia toda a aldeia e que acabava por reunir todos os homens e as mulheres, ao contrário do que em geral acontecia no resto do ano.

A nova configuração das cidades medievais, a exemplo do crescimento dos centros urbanos e das influências das atividades de produções e de comercio, acabou por modificar os costumes e o modo como os homens passaram a perceber o tempo. A atividade comercial das cidades veio a princípio, das feiras e dos mercados, e boa parte daqueles que produziam também comercializavam, assim, seus horários de trabalho e de venda eram controlados pelas autoridades urbanas, que em sua maioria utilizavam sinos para impor a jornada de trabalho.

Para os grandes mercadores, aqueles que fazem levar suas mercadorias para feiras internacionais, o tempo do comercio não é mais aquele de uma cidade, de sua atividade diária, de seu mercado semanal. Anuais ou bianuais, as feiras inter-regionais estendem-se por várias semanas. As atividades exercidas ampliam desmesuradamente o tempo e o quadro do cotidiano. (LE GOFF E SCHMITT, 2006, p. 287).

Jacques Le Goff (2006) coloca que, mesmo sendo ligadas à Igreja em sua maioria, as escolas que vão surgir nos meados do século XII, serão especificamente para os filhos de burgueses: escolas essencialmente laicas, que vão favorecer unicamente aos noviços dos

mosteiros e aos futuros padres para ensinar conhecimento da leitura e da escrita, também à prática do comércio, por que para os burgueses, isso era indispensável.

A linguagem formal era a maneira pela qual se dava a comunicação hierárquica, empregada nos palácios, nos templos, nas instituições, nas casas particulares e na literatura oficial. Já a plebe dispunha de textos falados, geralmente lidos nas praças e nos mercados medievais. A estrutura desses textos era de narrativas curtas que tinham como ponto de partida relatos de devotos e as vidas de santos, dos padres e da igreja, eram, também, anticlericais, alguns deles didáticos, apresentavam uma forma mais suave para crianças. Havia, também, textos morais e sociais com o objetivo de afastar jovens da vida mundana.

Entre os textos do período destacamos os *fabliaux*, em que se destacam de maneira mais explícita características sobre a mulher e a vida no medievo e sobre os quais falaremos com mais detalhes a partir deste ponto.

2.2 - *Fabliaux*: retratos do medievo

Os *fabliaux* surgiram no século XIII no norte da França e permaneceram até meados do século XIV. Eram textos anônimos, de caráter mais popular, em sua maioria eram escritos de forma jocosa. À parte da sátira, também traziam relatos de devotos e da vida de santos, dos padres e da igreja, alguns deles eram acentuadamente anticlericais.

Para explicar o que é um *fabliau* a autora Nora Scott (1995) cita o Conde de Caylus que fez um estudo sobre esse tipo de literatura nos anos de 1753 e Anatole de Montaiglon que também estudou os *fabliaux* em 1872. Assim, Caylus coloca que o *fabliau* é um poema que encerra a narrativa elegante de uma ação inventada, mais ou menos carregada de intriga, porém de certa extensão agradável ou engraçada, cujo objetivo é instruir ou divertir.

Para Anatole de Montaiglon (apud Scott, 1995), o *fabliau* é uma narrativa perfeitamente cômica, de uma aventura real ou possível, mesmo com exageros, que se passa nas circunstâncias da vida humana média, é a narrativa de uma aventura totalmente particular e comum.

Um ponto importante que Scott (1995, p.35) destaca é a eficácia psicológica realizada pela narrativa, dada nas previsões do narrador. A força da estreita relação entre causa e efeito, segundo Scott, não são elementos a serem negligenciados. Todo grupo no poder, todo grupo que deseja legitimar-se os reconhece (elementos de causa e efeito) há muito tempo. E são instrumentos ainda mais poderosos quando a eles está associada uma lição ou moral e quando os fatos relatados são atestados como verídicos. Assim, nessa tendência o *fabliau* se assemelha muito bem.

Norris Lacy (1995) destaca dois importantes estudos sobre os *fabliaux*, o de Joseph Bedier, de 1893 e o de Per Nykrog, de 1957. O primeiro deles aponta a correlação entre o surgimento dos *fabliaux*, o crescimento das cidades e da burguesia. Conclui, então que, assim como a corte tinha sua literatura (romances corteses e poemas líricos) a burguesia agora tinha, também, a sua, ou seja, os *fabliaux*. Nykrog discorda alegando que, provavelmente, os textos seriam apreciados pelo público cortês e conclui que os *fabliaux* geralmente parodiavam ou exploram situações da corte, sendo assim, corteses como os romances.

Afirma Lacy (1995) que, sendo ou não um gênero burguês os *fabliaux* frequentemente mostram personagens que pertencem à classe média ou à sociedade camponesa. Raramente figuram cavaleiros. Os personagens geralmente aparecem trabalhando, comendo, bebendo ou em atividades comuns à classe média e à camponesa. Não são poucas as descrições de casas, cidades, profissões (entre as quais o autor destaca os mercadores, moleiros e fazendeiros) e atividades de lazer, entre estas descrições as que mais se destacam são as sexuais, com ênfase nos genitais. Todo o quadro apresentado nos leva a qualificar os *fabliaux* como retratos (ainda que ficcionais) do medievo.

Com relação às mulheres, havia entre os *fabliaux* diversos textos morais e sociais, nos quais os homens denunciavam as artimanhas femininas. Com a sua popularidade, os *fabliaux* poderiam ser vistos como uma das principais fontes de disseminação dos ataques às mulheres. No entanto, corroborando com as posições dos estudiosos citados, estes textos também permitiam, em nossa opinião, a construção de perfis femininos com atitudes contrárias à configuração da mulher da sociedade medieval conforme veremos a seguir. Lacy (1995) diz que poucos são os personagens femininos apresentados como inteligentes ou virtuosos, mesmo quando cometem adultério. De forma geral, a visão sobre a mulher é de condenação pela sua lascívia e enganação. Também há críticas aos homens, mas estas em quantidade bem menor, principalmente nos *fabliaux* em que aparecem personagens masculinos que confiam na mulher e permitem que elas os dominem, geralmente tratados como bobos ou, no caso do adultério, como cornudos.

Como apontado anteriormente², a questão religiosa era muito influente na sociedade medieval, refletindo em várias esferas, entre elas a literatura (em nosso caso chamamos atenção para os *fabliaux*) com atitudes consideradas antifemininas. Entre estas atitudes destacamos a que mais se propagou nos textos da época, e que, mesmo na sociedade contemporânea ainda se apresenta fortemente: a misoginia. Sobre ela trataremos a seguir e no

² Conferir item 2.1.

capítulo 3 retomaremos as discussões propostas neste capítulo vinculadas à análise dos *fabliaux* selecionados.

2.3. Tradição religiosa e misoginia

As análises realizadas permitem elaborar e visibilizar as várias concepções e ou atitudes sociais medievais, principalmente as masculinas com relação às mulheres. Dentre essas elaborações, ganha relevância as questões relacionadas à representação feminina e à misoginia, uma das muitas atitudes sobre as mulheres e a que mais se destacou no período medieval, refletindo fortemente nos *fabliaux* medievais. As representações se dão através dos perfis femininos construídos nos *fabliaux* que iremos discutir no capítulo seguinte, objetos de estudo de nosso trabalho monográfico.

O termo misoginia é definido por Renate Blumenfeld-Kosinski (2006) como “aversão às mulheres”, sendo esta uma atitude difundida com frequência no medievo. A autora anteriormente citada lembra que a misoginia é apenas uma das muitas atitudes sociais e literárias em relação à mulher. Assim como havia discursos de desprezo pela mulher, também existiam discursos favoráveis a ela. No entanto, a influência dos aspectos negativos acontecia em número maior no que diz respeito à submissão das mulheres em relação aos homens nas mais diversas áreas da vida medieval.

Para Howard Bloch (1995), o discurso misógeno é tão persistente na Idade Média que a uniformidade de seus termos fornece uma ligação importante entre aquele período e o presente (a contemporaneidade), impondo ainda mais o assunto porque, tais termos ainda governam, conscientemente ou não, as formas pelas quais é concebida a questão da mulher - tanto por mulheres como por homens.

A mulher era apresentada como ser fraco, demoníaco, instável, pútrido e sórdido, capaz de seduzir os homens e levá-los à perdição. Esses discursos foram fortemente promovidos pelo clero medieval. A mulher era apresentada como ser fraco, demoníaco, instável, pútrido e sórdido, capaz de seduzir os homens e levá-los à perdição. Esses discursos foram fortemente promovidos pelo clero medieval e.

As mulheres eram vistas como seres predestinados ao mal, e sinônimos de perdição, acusadas pelo sexo oposto de terem introduzido o pecado, a desgraça e a morte. A difusão dessa imagem era baseada em grandes pensadores, religiosos e filosóficos, a exemplo de Tomás de Aquino, Santo Agostinho e Aristóteles. Os dois primeiros foram os precursores dos discurso misóginos no medievo, tendo, para isto se baseado nos textos de Aristóteles.

Agostinho foi um dos que desempenhou atitude contrária à relação dos celibatários com as mulheres e para isso apoiou-se no argumento de que Eva era subordinada a Adão através do segundo ato de criação, ou seja, aquele que formou seus corpos reais, de carne, e não os corpos espirituais, que eram à imagem e semelhança de Deus. Assim, na esfera social Eva é considerada inferior a Adão e assim são todas as que dela descendem.

Consequentemente, as mulheres poderiam ser tanto “a imagem de Deus” através de suas almas quanto submissas aos homens através de seus corpos devido ao pecado de Eva. Esta idéia foi comumente aceita na Idade Média através de pensadores como Tomás de Aquino e Bonaventure (BLUMENFELD-KOSINSKI, 2006, p. 569-70³).

RANKE-HEINEMANN (1996, p.199) cita as indagações de Santo Agostinho sobre as mulheres: Por que o demônio não fala com Adão e sim com Eva? Satanás teria se dirigido ao elemento inferior dos dois humanos, teria visto que o homem não seria convencido tão facilmente. O teólogo admite que não acreditamos que o homem seria levado para o mau caminho por que ele esperava que a companheira falasse a verdade, mas por que ele foi convencido por ela através de suas sugestões, dado que estavam unidos em parcerias. Eva teria acreditado na serpente e aceitado o que ela disse como sendo verdadeiro. Já Adão teria se recusado a separar-se de sua companheira, pois a ela devia fidelidade, ainda que fosse para se ver manchado pelo pecado e dividi-lo com ela (HEINEMANN, 1996, p.199).

Klapisch-Zuber (2006, p.137) corrobora o argumento da inferioridade feminina através das visões de Ruperto de Deutz, Boccacio e Hildegarda de Bingen.

Fraqueza e qualidades negativas: por natureza, a mulher só pode ocupar uma posição secundária, procurar o apoio masculino. Homem e mulher não se equilibram nem se completam: o homem está no alto, à mulher em baixo. E se acreditarmos no monge [Ruperto de Deutz] e nas mulheres que emprestam sua voz ao escritor, assim como na sábia abadessa [Hildegarda de Bingen], homens e mulheres partilhavam a mesma visão do feminino na sua relação com o masculino (KLAPISCH-ZUBER, 2006, p.139).

Percebemos a relação homem no topo, como superior, e mulher na superfície, como inferior. Esse é o motivo, segundo os teólogos, de Jesus ter vindo sob a forma masculina, atestando aos homens superioridade, uma vez que Deus não teria escolhido dar ao seu filho a imagem de um ser rebaixado como a mulher. Le Goff & Schmitt (2006, p.139) destacam essa relação hierarquizada entre homens e mulheres.

Na Idade Média não se concebe a ordem sem hierarquias. A construção do masculino/feminino respeita esta noção e se esforça em articular entre eles

³ As traduções de textos do inglês para o português foram feitas pelo Professor Mestre Marcílio Garcia de Queiroga (UAL – Inglês / UFCG).

os dois princípios da polaridade e da superposição hierarquizada, quer dizer, uma classificação binária e horizontal, fundamentada na oposição, e uma interdependência vertical entre categorias. Desta difícil combinação resulta uma imagem negativa e inferior do feminino na sua relação com o masculino. Mas esta imagem também é ambivalente, já que a ideia de complementaridade dentro de uma globalidade resta subjacente às classificações por categorias e por oposição. A exegese das Escrituras propôs várias versões dessas construções teóricas.

Mas a superioridade masculina não era o único argumento contra as mulheres. Mesmo aquelas que desejavam se despojar das coisas mundanas e se dedicar à vida sacerdotal eram vistas como inferiores: faltava a elas a importância do status, eram dominadas pelos homens por natureza, não podiam ensinar ou celebrar, não podiam contrair matrimônio com a igreja através da ordenação (assim como faziam os padres), eram consideradas impuras devido à sua menstruação e não podiam realizar a tonsura (corte do cabelo no ritual de ordenação).

Uta Ranke-Heinemann (1996, p. 134) afirma que os celibatários nunca conseguiram lidar abertamente com as mulheres. A estudiosa afirma que o estilo de vida deles sempre foi baseado na distinção e oposição ao casamento e à feminilidade para que não vissem as mulheres como a negação de sua vida de abstenções ou como uma ameaça a ela, eram misogâmicos, ou seja, tinham aversão pelo casamento. Armindo Trevisan (1993, p.85), em seu estudo sobre a formação do imaginário e da arte cristã apresenta a opinião de Agostinho acerca deste assunto. O clérigo chegou dizer que estava convencido de que nada podia afastar mais o homem das alturas do que os carinhos da mulher e aqueles movimentos do corpo, sem os quais um homem não pode possuir sua esposa.

A mulher era confundida, no imaginário religioso, com as tentações demoníacas. Não foi Eva quem, logo após a criação do homem, o arrastou ao pecado original, induzindo-o a comer a maçã oferecida pela serpente? O corpo feminino surgia como origem primeira da sedução (TREVISAN, 1993, p. 85).

Ranke-Heinemann (1996, p.134) apresenta a opinião de Crisóstomo, teólogo, sobre a questão entre as mulheres e os celibatários, mostrando como se dava a relação entre eles:

Há no mundo um grande número de situações que debilitam a consciência da alma. A primeira e mais importante destas é o trato com as mulheres. Em sua preocupação com o sexo masculino, o superior não pode se esquecer das mulheres, que precisam de maiores cuidados, exatamente por causa de sua pronta inclinação para o pecado. Nesta situação o inimigo maligno pode encontrar muitas maneiras de entrar sorrateiramente, em sigilo. Pois o olhar das mulheres toca e perturba a nossa alma, e não só o olhar da mulher desenfreada, mas também o da mulher decente.

No conceito de Uta Ranke-Heinemann (1996), Alberto Magno foi um dos que mais menosprezou as mulheres. Ele chegou a afirmar que a mulher é menos qualificada para o

comportamento moral devido à quantidade de líquidos que possui a mais que o homem. Seria uma propriedade dos líquidos fazer com que as coisas se movessem com facilidade, o que tornaria as mulheres inconstantes e curiosas. Alberto Magno se baseia na visão aristotélica para chegar a várias de suas conclusões sobre a mulher.

Conforme William F. MacLehose (2006), as visões de Aristóteles acerca da mulher eram divididas em dois grupos: uma relacionada ao papel político da mulher e outro à fisiologia. Nos dois a inferioridade das mulheres e sua subordinação aos homens são reforçadas e naturalizadas. Sobre o papel feminino na *pólis* grega ou cidade-estado, Aristóteles relega a mulher ao *oikos*, ou seja, ao ambiente doméstico, à esfera privada e não à pública, ao destacar que o homem é superior por natureza e a mulher inferior, e digna de se sujeitar a ele. Mesmo tendo o controle da casa, dos filhos e dos escravos as mulheres não podiam ser consideradas constitucionalmente iguais aos homens, pois a elas era atribuída uma natureza inferior. Aristóteles afirma que essa desigualdade é constante por causa das diferenças biológicas entre homens e mulheres.

No século XIII, principalmente Alberto Magno e Tomás de Aquino, com influência do pensamento de Agostinho, colaboraram para reforçar o desprezo pelas mulheres a partir da obra *Da geração dos animais*, de Aristóteles.

Aristóteles abriu os olhos dos monges para a razão mais profunda da inferioridade da mulher: a mulher devia sua existência a um erro, a um deslize no processo de nascimento. Era, noutras palavras, um “homem mal gerado ou deficiente” (RANKE-HEINEMANN, 1996, p.199).

A mulher apresentada como um homem defeituoso não foi aceita imediatamente pela igreja, pois o homem corria o risco de ser considerado uma mulher perfeita, sugerindo, assim, uma aproximação com a sodomia, considerada heresia por parte da igreja. Outra diferença que Aristóteles indica é que os homens são ativos e as mulheres passivas. A atividade masculina se daria através do ato da procriação: o homem é o gerador e a mulher é quem recebe, concebe o filho. Não era considerado que a mulher poderia colaborar na geração com o óvulo. Somente o sêmen era considerado semente geradora e a mulher era um recipiente, como um vaso que receberia o filho para gerá-lo. Portanto, o único papel da mulher seria o de procriar.

Essas noções depreciativas da mulher como espécie de vaso de flores para o sêmen masculino foram elaboradas por Aristóteles numa teoria que perdurou por milhares de anos. Aristóteles, Alberto e Tomás veem as coisas da seguinte maneira: segundo o princípio fundamental de que “todo elemento ativo cria algo semelhante a si mesmo”, só os homens deveriam nascer na realidade em decorrência da cópula. A energia do sêmen tem por objetivo

próprio produzir algo igualmente perfeito, ou seja, outro homem. Mas devido a circunstâncias desfavoráveis, as mulheres, ou seja, os homens imperfeitos, ganham existência. Aristóteles chama as mulheres de *arren peperomenon*, um homem mutilado ou imperfeito (...) Alberto e Tomás traduziram a expressão grega por *mas occasionatus*. Alberto explica que “*occasio* significa um defeito que não corresponde às intenções da natureza” (...) E para Tomás significa “algo que não tem intenção em si, e se origina em alguma deficiência” (...) Assim, ao nascer toda mulher já tem um fracasso atrás de si: a mulher é um fracasso. (RANKE-HEINEMANN, 1996, p.201).

Os teólogos medievais também falam sobre a falta de raciocínio das mulheres e que elas tinham menos vigor físico do que os homens e, assim como crianças e doentes mentais, não podiam servir como testemunhas em assuntos testamentários. As crianças deviam notar que o pai, o gerador, era superior à mãe e que somente ele, como líder intelectual, era capaz de educá-los. Como criatura deficiente a mulher não tinha autoridade para educar seus próprios filhos, pois o pai era dotado de *virtus* (força, vontade), era mais forte e capaz de instruir da melhor maneira a sua geração. Além disso, Tomás de Aquino afirma que a mulher era subordinada ao homem no casamento, necessitando dele inteiramente não só para gerar e educar os filhos, mas como seu senhor pessoal, em virtude de uma razão mais perfeita e de uma virtude mais forte do homem (RANKE-HEINEMANN, 1996).

Ranke-Heinemann (1996), enfatiza que Santo Agostinho foi o homem que difundiu o cristianismo com ódio ao sexo. Sua importância para moralidade sexual cristã não é questionada, ele separa de forma radical o amor da sexualidade. Para Agostinho a relação sexual ou prazer sexual é o que o transmite o pecado original continuamente de geração para geração. Só Jesus estava livre do pecado original, por ter vindo ao mundo sem qualquer ato sexual.

Há outro ensinamento de Agostinho que também teve conseqüências devastadoras, a saber, a doutrina da maneira pela qual o pecado original é transmitido às criancinhas, ou seja, a todos. Agostinho ensinava que quando Adão e Eva desobedeceram a Deus e comeram do fruto proibido do paraíso “sentiram vergonha e cobriram o sexo com folha de figueira”. Conclui dessa que “eis de onde vem” (ecc unde). Quer ele dizer que o que ambos tentavam ocultar era o lugar por onde o primeiro pecado foi transmitido (sermons, 151, 8). (HEINEMANN, 1996, p. 90).

Tomás de Aquino propagava que as pessoas castas e virgens teriam recompensa celestial em sua totalidade, e que não se deveria colocar o casamento no mesmo plano da castidade, pois ofenderia a própria Virgem Maria.

Tomás escreve: “a continência perpétua é necessária para a devoção perfeita. (...) É por isso que Joviano, que colocou o casamento no mesmo plano da castidade, foi condenado” (summa Theologica II/II q. 186 a. 4). E Tomás

repete diversas vezes o que Jerônimo já calculava nos séculos IV e V, ou seja, que as pessoas virgens e castas têm uma recompensa celestial de 100%, em quanto que os viúvos e viúvas recebem 60%, e as pessoas casadas 30% (ibid., II/II q. 152 a. 5 ad 2).(RANKE-HEINEMANN, 1996, p. 198)

De acordo com Bandinter (1986, p.103), Jesus não tem pai carnal e seu único laço com os homens passa por sua filiação matrilinear: “Jesus é o mais puro exemplo de uma sociedade gineocrática, na qual o pai não desempenha nenhum papel. São José é exatamente o mesmo tipo de pai que encontramos nas sociedades oceânicas, pai nutridor, pai afetivo, nada mais.” A autora ainda destaca que o culto à Virgem não constitui apenas uma homenagem oferecida à mãe, também marca que se uma mulher causara a perda da Humanidade (Eva), outra contribuiu para salvá-la (Maria).

Assim, o século XIII foi profundamente marcado por desprezo pelas mulheres, os teólogos escolásticos, sobretudo Tomás de Aquino corroborado por Aristóteles. Para Aristóteles a mulher devia sua existência a um erro, a um deslize no processo de nascimento, um homem mal gerado ou deficiente. Sua teoria ainda colocava atividade masculina e feminina, provando que a mulher contribuía apenas em uma parte na concepção da criação perfeita, o homem. Esse fator de atividade masculina tornaria o homem de maior valor quando comparado à mulher. A mulher era vista, portanto, como um ser da poluição ambiental, um aborto.

Não correspondendo à “primeira intenção da natureza”, a qual visava à perfeição (os homens), mas como uma “segunda intenção da natureza”: o decaimento, deformidade e a fraqueza da velhice. A mulher era, assim, um substituto que adquiria existência quando a intenção primeira da natureza era a criação do homem.

Georges Duby (2001) no seu livro *Eva e os Padres* cita Etiénne de Fougères, autor da obra *O Livro das Maneiras*, do século XII, o qual apresenta as mulheres como portadoras do mal, propagadoras do pecado, provocadoras de desordens de conseqüências graves, delas brota o ódio e são sementes de “guerra”, sendo elas um pouco feiticeiras, pois preparam entre si misturas suspeitas, como a maquiagem, pastas depilatórias que servem para como disfarce corporais para enganar os homens. “*putas se fazem donzelas, e feias e enrugadas, belas*”.

Etiénne de Fougères evidencia ainda mais a falha feminina, apontando-as como vingativas, rebeldes e pérfidas, alertando os homens para o perigo de sua natureza que é dominada pela luxúria, onde as queimam um desejo que, fracas demais, custam a dominar e se estão insatisfeita correm atrás de amantes.

É banal, na época, entre os membros da Igreja, condenar os cosméticos. Estes desagradam a Deus, que, como bem se sabe, proíbe deformar o corpo

humano, moldado com suas próprias mãos: pintada “de branco ou de vermelho”, ele não reconhece sua criatura. Até ai, porém, a falta é venial. Torna-se muito mais grave quando as damas preparam e distribuem mezinhas para evitar conceber, ou para abortar. (DUBY, 2001, p. 13).

Essas características dadas pelos dirigentes da Igreja serviam para afastar os monges e padres dos feitiços das mulheres, pois elas vão sempre ao ataque derrubando as armas dos fracos levando-os ao pecado.

Na Idade Média, muitos são os textos que veiculam concepções misóginas e misogâmicas. O século XIII, segundo Uta Ranke – Henemann (1996) é a idade áurea da teologia – o apogeu da difamação misógina, onde toda a sorte e descrédito contra a mulher eram justificáveis, caso provocasse ao celibato ou às regras da sociedade.

Os *fabliaux* são comumente vinculados ao antifeminismo ou à misoginia, são textos onde a mulher é o objeto de sátira, geralmente retratada como um ser falho, cheio de defeitos: luxúria, gula e tagarelice (PFEFFER, 1995). Observaremos melhor estas questões no capítulo que segue.

CAPITULO III

3.1- Breve apresentação dos *fabliaux*

Neste capítulo faremos um breve resumo das três narrativas selecionadas nas quais figuram personagens femininas e masculinas, para assim traçarmos perfis destas personagens, e, embasados em textos críticos sobre a Idade Média, percebermos a forma como os discursos se articulam para (re) construir as mulheres da época.

No primeiro dos *fabliaux*, “Os calções do franciscano”⁴, a narrativa trata de um letrado que amava uma burguesa, a qual era cortês, prudente e sabia muito sobre esperteza e estratégias. Casada com um burguês, a mulher desejava intensamente o letrado. O marido, negociante, sai para tratar de negócios e a mulher encontra uma brecha para colocar o letrado em casa. Para realizar o seu desejo de deitar-se com o amante, a burguesa usa de muitos artifícios, entre eles mentir para encobrir sua desonra, logo após o marido retornar à casa e desconfiar que algum homem havia se deitado em sua cama.

A esperteza da mulher era tanta que, para não ser descoberta pelo marido, o qual vestiu por engano os calções deixados pelo letrado em sua cama, foi à procura de um frade menor pedir-lhe em nome de Jesus Cristo que dissesse ao seu marido que os calções pertenciam ao frade e que ela os havia colocado sob o colchão para conceber um filho ou filha. Esta ação se deu por causa de um sonho que a burguesa teria tido e assim ela pede ao frade que minta para o marido, contando-lhe que tudo foi devido ao sonho, o que faz com que ela escape intacta do castigo que lhe seria aplicado e o marido saia como enganado e cornudo, segundo o *fabliau* (SCOTT, 1995, p. 51).

No segundo texto, “Da jovem que não podia ouvir falar de foder sem sentir náuseas”⁵, narra-se a história de uma moça extremamente orgulhosa, desdenhosa e que por motivo algum podia ouvir falar de foder sem que sentisse náuseas. A moça morava apenas com seu pai, o qual se dedicava exclusivamente ao trabalho, pois não podia ter servas nem serviçais mesmo sendo apresentado como um homem rico, pois sua jovem filha não queria saber deles devido ao fato de não suportar que falassem de copulação: “nem de pau, nem de colhões, nem de outra coisa” (SCOTT, 1995, p. 133). Sendo assim, o pai evitava contratar qualquer serviçal, principalmente se este fosse homem.

Certo dia, um jovem chamado David, muito bom em artimanhas e patifarias, ficou albergado na aldeia. Lá, soube da curiosa história da jovem e decidiu, então, pedir alojamento

⁴ Doravante OCDF.

⁵ Doravante JNPOFF.

ao pai da jovem, suplicando pelo amor de Deus e de São Nicolau. O pai fica sem saber que resposta dar ao jovem, e explica o que acontecerá se ele aceitá-lo no trabalho, já que sua filha não pode ouvir falar em libidinagem. O rapaz, porém dá uma cuspidada e diz que jamais falará de tais assuntos, pois isso eram coisas do diabo. A jovem ao ouvir o rapaz dizer isso, pede logo que o pai aceite os seus serviços. Depois de um longo dia de trabalho, o pai pergunta à filha onde ela desejaria que o rapaz dormisse, ao que ela responde que não vê problemas que ele durma em seu quarto.

No quarto, David começa a passar a mão no corpo jovem, descrito como branco e formoso. O rapaz começa, então, a acariciar algumas partes como as mamas e a genitália, à qual a jovem dava o nome de prado, revelando que ao lado dele existia um tocador de trompa que estava de guarda para tocar bem alto e assustar aquele que desejava água da fonte de seu prado. Em seguida, a jovem começa a apalpar os genitais do rapaz, perguntando-lhe o que era aquilo muito rígido e duro, ao qual o jovem responde que é seu proto que está sem comer desde o dia anterior. A jovem propõe que ele ponha o proto para pastar no prado. O que segue até o fim da história é um jogo de metáforas que insinua e confirma ao fim que a jovem não podia ouvir falar de foder, mas podia fazê-lo (SCOTT, 1995).

“Da mulher a quem arrancaram os colhões”⁶ é o terceiro e último texto a ser analisado. A história começa com um narrador convocando os interlocutores, homens que tinham esposas e que as colocavam alto demais, alegando que a liberdade e a autoridade dadas a essas mulheres seria motivo de desonra para eles. O narrado incita os homens a castigarem as mulheres trelouçadas. Cabe a elas estimarem, amarem, obedecerem e honrarem e se assim não o fizerem serão vistas como motivo de vergonha.

O *fabliau* conta a história de um homem rico que amava muito sua mulher e a colocava acima de tudo, entregando a ela o senhorio de suas terras, de sua casa. A mulher, no entanto, o desprezava e tinha por ele pouca estima, contradizendo e desfazendo tudo o que dizia e fazia. O casal possuía uma filha descrita como bela, de formosura tal que sua fama se espalhou por muito longe, chegando a encher de amor o coração de um conde que ouviu falara a respeito. O conde tinha por hábito caçar na companhia de três cavalheiros e de um valete que conduzia os cães. Em um dia de suas caçadas, devido a uma forte chuva o conde acabou por se afastar dos seus companheiros de caça e pediu hospitalidade na casa do pai da bela dama.

⁶ Doravante MQAC.

Porém, o senhor nega-lhe a hospedagem, justificando-lhe que sua esposa não concordará com a decisão, e diz que ela só fará o que não agrada. O conde, então, tem a ideia de falar em voz alta que não aceitará dar a hospedagem, o que prontamente sua mulher discordará, dando abrigo ao conde. O conde encanta-se com a filha do senhor, pede-a em casamento, o homem nega, o que prontamente a sua esposa desdiz e concede a mão da filha em casamento.

Já casados, a bela moça quer fazer com seu marido tudo aquilo que sua mãe tinha feito com seu pai, desfazendo e contradizendo tudo o que seu marido fazia ou dizia, pois a mãe tinha lhe aconselhado a fazer isso para não trair sua linhagem. O conde organiza uma bela festa para comemorar as núpcias e pede para que seu cozinheiro prepare uma porção diferenciada de molhos para acompanhar a comida. A condessa pede para o cozinheiro fazer apenas molho de alho, ao que ele obedece. Ao servir as iguarias o conde fica perplexo, o cozinheiro não fez o que havia sido ordenado, como castigo o conde fura-lhe os olhos, corta-lhe as orelhas e depois o exila de suas terras. A esposa é castigada com um bastão de espinhos que quase a matou. Ela ficou deitada por três meses sem sentar à mesa.

A orgulhosa mãe decide visitar sua filha. A contragosto o conde recebe sua sogra. O conde trata o sogro de maneira diferenciada, dando-lhe os melhores vinhos e iguarias. Condena as ações da mulher má, a sogra, por isso trata-a com desdém. O conde pede que o sogro vá caçar com seus valetes e cavalheiros. Em segredo, diz a um dos seus mouros que lhe traga os colhões de um touro, uma faca e uma lâmina bem afiada. Pega a dama pela manga senta-a a seu lado e fala que o orgulho dela se dá devido aos colhões que ela possui e que irá arrancá-los para que extermine dela a altivez.

Os homens cortam as nádegas da mulher fingindo tirar do seu corpo os colhões ensanguentados do enorme touro, colocando-os ligeiramente em uma bacia. A mulher desmaia perante esta visão e quando volta a si o conde lhe diz que arrancara o orgulho que lhe fazia ousar. A mulher suplica piedade e clemência e diz que nunca mais contestará seu senhor e o servirá como deve ser. O *fabliaux* termina com a súplica: *desgraçada seja a mulher que despreza o homem*. (SCOTT, 1995).

As fábulas medievais, como destacamos no segundo capítulo, nasceram no medievo e perduraram do século XIII até meados do XIV. Segundo José Rivair Macedo (2004), os *fabliaux* foram utilizados por antigos eruditos franceses como testemunhos históricos diretos do cotidiano das camadas populares urbanas, por estas narrativas caracterizarem um quadro particularmente pitoresco. Não faltam menções a trapaças nas ruas e feiras, situações em

queos camponeses são ridicularizados, atitudes reprováveis das mulheres, brigas e desavenças domésticas.

Nos três *fabliaux* são vários os elementos que nos levam a identificar a presença das questões religiosas e a estrutura social representada. Também é possível identificar para quem e para quem os *fabliaux* são escritos. Os textos, em sua maioria, apresentam uma moral, uma espécie de ensinamento através de uma história narrada, em tom jocoso, podendo ela ter de fato acontecido ou não. As histórias possivelmente (essa é uma questão controversa, como apontamos no capítulo II) retratam e se dirigem a um público da camada popular.

No que diz a respeito às questões religiosas, nos *fabliaux* os personagens buscam estar sempre perto de Deus, seja nos momentos de apuros ou nos momentos em que não há aflição. Como a sociedade era regida pelos preceitos da Igreja católica, era comum que a figura de Deus e de todos os santos permeasse o cotidiano e, por conseguinte, a literatura da época. Para além do poder de propriedade de terras, a Igreja exercia o poder também sobre a vida matrimonial da sociedade, mantinha um discurso no qual privilegiava o homem. A Igreja também tornou o casamento uma criação divina, não podendo ele ser realizado pelo desejo da luxúria e sim, pela procriação, deveria ser indissolúvel e a virgindade deveria ser resguardada até a noite de núpcias.

Macedo (2002, p. 20) expõe alguns elementos sobre o matrimônio neste período:

As estratégias matrimoniais organizavam e sustentavam as relações sociais. O casamento era antes de tudo um pacto entre famílias. Nesse ato, a mulher era ao mesmo tempo doada e recebida como um ser passivo. Sua principal virtude, dentro e fora do casamento devia ser a obediência, a submissão. Solteira, era identificada como *filia de*. Casada, passava a ser personificada como *uxor de*. Filha, irmã e esposa: os homens deviam ser sua referência.

Todos esses valores elaborados pela Igreja para o casamento e postos como regimento para a sociedade medieval podem ser identificados nos *fabliaux* serem analisados.

3.2 – As representações femininas nos *fabliaux*

O *fabliau* MQAC evidencia desde o seu título a figura feminina de forma jocosa. A mulher é um ser anômalo, pois possuía colhões, uma parte do corpo tipicamente masculina. Esta imagem nos remete ao discurso baseado em Aristóteles que apresentava a mulher como um ser inferior, um “homem mal gerado ou deficiente” (RANKE-HEINEMANN, 1996, p.199). A mulher aqui representada difere da mulher passiva que figura no discurso clerical comum à época medieval, é uma espécie de transgressora, mas ao mesmo tempo carrega as

cargas negativas que eram impostas às mulheres da época, e é condenada pelas suas atitudes. Desde o começo do *fabliau* percebemos o discurso que invoca a não aceitação dessas mulheres naquela sociedade, invocando os maridos a castigá-las pela desobediência e orgulho. Os homens que são permissivos com suas mulheres são tratados como “desonrados”.

Senhores, **vós que tendes esposas** e que **as colocais alto demais**, de sorte que **lhes dais demasiada autoridade sobre vós, estais apenas deixando que vos desonrem**. Escutai um pequeno exemplo que aqui está escrito para vós. **Nele podeis encontrar modelo. Não deveis doar tudo a vossas mulheres, de medo que vos amem menos. Deveis castigar as tresloucadas. Sim, fazei-as aprender que não devem se encher de orgulho para com seu senhornem dominá-lo**, mas que **têm de o estimar, amar e obedecer e honrar. Se assim não fizerem, será para vergonha delas**.(...) Agora entrarei em minha narrativa do exemplo que quero contar, e **que deve ser bem ouvido por aqueles que transformam as mulheres em seus senhores, do que lhes advém desonra**. Sobre esse assunto direi que não há logro pior do que um verdadeiro, e aqui descobrirei isso. (SCOTT, 1995, p.156 – grifos nossos).

O perfil feminino aqui construído apresenta a mulher como orgulhosa, tresloucada, que sempre passa por cima das ordens do seu marido, orgulhosa a ponto de buscar sempre tomar o senhorio, tanto da casa como das terras. Tem autoridade sobre a casa e sobre todas as decisões e não se preocupa se o marido sofre com o seu comportamento.

– Por causa, de minha mulher [**diz o marido**], que por preço nenhum concorda com o que eu faça ou diga. Tem poder sobre mim, autoridade sobre minha casa e comando sobre tudo. Pouco lhe importa que eu sofra com isso. Para ela não sou mais que uma capa de chuva. Ela faz tudo a seu grado e nunca ao meu. Nada faria a meu pedido. (SCOTT, 1995, p.159),

Nesse trecho percebemos como se apresenta. Já a mulher é vista como cruel e indiferente ao sofrimento do seu esposo. Interessante notar que não há saída para a mulher neste *fabliau*: se obedecer será vítima dos desmandos masculinos e se desobedecer será vista como motivo de desonra e castigada ao final. É o que ocorrerá com a filha e a sogra.

Podemos destacarem um primeiro momento neste *fabliau*, assim como nos demais, uma forte carga antifeminina ou misógina, mas no caso dos textos literários é permitido às personagens femininas uma liberdade que certamente não lhe seria dada às mulheres no contexto daquela sociedade, ainda que, na literatura, a ordem seja retomada no final e as mulheres sejam punidas.

A classe social representada neste texto é a burguesia. Aparecem claramente os termos: o burguês e a burguesa. Mas também aparece um nobre, um conde, acompanhando de seus cavaleiros e valete, e posteriormente aparece no texto, a condessa.

Cenas da vida cotidiana aparecem com frequência: sair para a caça (no caso do conde com seus cavaleiros e valetes), receber visitas com refeições extraordinariamente ricas, com vinhos de uvas e amora e frutas. A mulher é resignada ao ambiente doméstico, ao cuidado com os afazeres e o recebimento das visitas. O perfil feminino ideal, segundo o narrador, seria o da mulher que estimasse, amasse, obedecesse e honrasse o marido.

Com relação ao matrimônio percebemos que aparece como um negócio. Sabendo que o senhor que lhe hospedara possuía uma filha jovem e bela o conde por ela se interessa e pede-a em casamento, isto em apenas um dia hospedado na casa do burguês, o que é imediatamente aceito pela senhora considerando a nobreza do pretendente. A burguesa, então, entrega-lhe de pronto o dote que a filha possuía e o pai dá-lhe de presente um palafrém (cavalo) e três galgos (cães de caça).

Ao final do *fabliau* a sogra e a filha são castigadas pelo conde. A primeira por desobedecê-lo e a segunda, devido à sua desobediência e maldade com o seu sogro. A façanha do conde, portanto, é louvada como algo a ser seguido, uma espécie de regra moral.

O conde foi muito bem sucedido em sua façanha. Bendito seja ele e todos os que castigam suas mulheres más. Mas os outros são amaldiçoados, e bem amaldiçoados, que se submetem a suas mulheres, como aquele. Se forem boas, deveis ter-lhes amor e apego e recompensá-las. E que males e desgraças recaiam sobre a mulher intratável de raça infame. Eis a sùmula deste *fabliau*: *desgraçada seja a mulher que despreza o homem.*(SCOTT, 1995, p.169 – grifo da autora)

Em OCDF é clara a referência direta à religião presente através de uma peça íntima do vestuário de um membro do clero, o que pode desde o início dar uma pista do tom jocoso e até mesmo da ligação com a conotação sexual, visto que a peça será o motivo do encobrimento da traição da esposa burguesa. Neste *fabliau* aparecem um burguês negociante, a sua esposa (a burguesa) e um letrado, além da figura do clero representada por um frade menor. A mulher é apresentada como traiçoeira, esperta, cheias de estratégias, sabe mentir para encobrir sua desonra e é capaz de convencer até um religioso para enganar seu marido.

Ela sabia muito sobre esperteza e estratégias. A mulher **que leva essa vida e que deseja amar alhures tem de conhecer voltas e contra voltas e artifícios para escapar do perigo.** Precisa **saber mentir para encobrir sua desonra.** É assim mesmo. **A burguesa** de que vos falo **era bem instruída nesse mister.**(SCOTT, 1995, p.48 – grifos nossos)

O frade menor participa da mentira, aceita prontamente enganar o marido encobrindo a traição e ri ironicamente do burguês mesmo sabendo que ele havia sido ludibriado. Os padres geralmente eram ridicularizados nos *fabliaux*, motivo frequente de chacota.

Nos *fabliaux*, os personagens que não têm afinidade com a nobreza costumam ser ridicularizados ou satirizados. Observando, por exemplo, o tratamento reservado às aventuras sexuais, raramente o que é dado aos personagens pertencentes à nobreza é ignominioso: como amantes, em geral obtêm sucesso em suas empreitadas e, como maridos, geralmente conseguem descobrir os amantes e reverter a situação em benefício próprio. Ao contrário, a hierarquia da Igreja não é poupada. Nos contos de adultério, quando bispos, padres e monges se envolvem com mulheres da nobreza acabam sendo malsucedidos, mas conseguem o intento quando os maridos enganados pertencem ao mundo do comércio, do artesanato urbano, ou desempenham trabalhos braçais no campo. (MACEDO, 2004, p. 10)

Podemos tomar como exemplo para ilustração a questão hierárquica no *fabliau* MQAC. O burguês sofre diretamente com a mulher que é julgada como má, já o conde não é atingido pela desobediência da esposa, pois ao primeiro sinal trata de eliminar qualquer ato considerado indisciplinar e assim o faz, também, com a sogra ao arrancar-lhe os colhões. O mesmo acontece em OCDF, no qual a burguesa adúltera consegue enganar o marido e acaba se safando sem que nada lhe aconteça, enquanto o marido é ridicularizado ao final como “cornudo” que, além de ser traído, ainda desfila pelas ruas com os calções do franciscano pendurados na cintura, acreditando que estes lhe trariam um filho ou uma filha, conforme o sonho contado pela esposa.

Agora a mulher está bem à vontade para fazer o que quer com o letrado, que por seu amor se empenha e gasta com abundância. A burguesa soube recolocar a carga nos ombros do seu burguês. Agora o outro poderá ir e vir por todos os cantos e recantos e o **cornudo** nunca na vida ousará mencionar o fato. A burguesa saiu-se bem. (SCOTT, 1995, p.58 – grifo nosso).

Em todo o enredo a mulher sempre busca uma forma de enganar o marido e colocar dentro de sua casa o amante, e a este sempre é dado tudo aquilo que ela jamais deu a seu marido. O burguês (a personagem masculina) é o enganado, inocente, pouco amado pela esposa e fácil de ludibriar. Aparece também como aquele que coloca sua dama acima de tudo, o cornudo, o injustiçado.

No *fabliau* JNPOFF a donzela, filha de um vilão⁷, é apresentada como tola e pudica e não podia ouvir falar de nada relacionado a sexo, pois isso poderia lhe fazer passar mal. A jovem não suportava falar em copulação, era orgulhosa, cheia de esquisitices e uma mulher fácil de ser enganada. O jovem rapaz, David, é apresentado como audacioso. Desde o primeiro encontro com o pai da jovem David percebe que evitar o uso da palavra “foder” será o artifício para conseguir a simpatia inicial da jovem e depois deitar-se com ela.

⁷ Os vilões eram pessoas não pertencentes à nobreza feudal, mas entre os servos eram as que mais estavam próximas ao senhor feudal. Receberam esse nome por que habitavam urbanamente em vilas. Na modernidade, o nome ganhou um sentido mais pejorativo.

Nunca em minha vida tive um serviçal que pudesse conservar por muito tempo, pois, tão logo minha filha ouve a palavra "foder", assalta-a um mal-estar, um enjôo, de tal forma que parece mesmo estar morrendo. E por isso, bom irmão, não ousou ter serviçais, que são indecentes e têm um linguajar demasiado baixo, pois teria medo de perder minha filha.

David pôs-se a torcer a boca e depois raspa a garganta e cospe, exatamente como se tivesse engolido u'a mosca. E diz ao vilão:

– Refreai-vos, bom senhor, se não quereis dizer um nome feio. Calai-vos, pelo amor do Deus celeste, pois é a palavra do diabo! Jamais faleis disso em minha presença! Nem por cem libras desejaria ver o homem que falasse disso nem que dissesse indecências, pois um grande mal-estar me invade o peito. Quando ouve o vassalo falar assim, a filha do vilão sai da casa e diz ao pai:

– Senhor, Deus me ajude, ficareis com este jovem, pois será bom para nós. Tem as mesmas idéias que eu. Se me amais e me estimais, assim vos peço.

– Meiga filha, será como desejais - responde o vilão, que era mui bobo. (SCOTT, 1995, p.134-5).

Para conseguir tocar as partes íntimas da jovem utiliza-se de um discurso dissimulado que aparentemente suaviza as referências às partes genitais substituindo-as por elementos do campo ou ligados à vida camponesa como prado/capim (pêlos pubianos), vala (vagina) ferradores/novelos (colhões, testículos), tocador de trompas (ânus), potro (pau/pênis) e fonte (urina), evitando, assim, “falar de foder” e fazer com a jovem não sinta náuseas.

– Por minha palavra! - responde ela. - Aí onde estais tocando **é meu prado**, David. Mas inda não está florido.

– Por minha palavra, senhora! - foi David quem disse isso. - Ainda **não há capim plantado**. E o que é, no meio do **prado, essa vala suave e cheia?**

– É **minha fonte**, que no momento não está vertendo.

– E o que é isso depois, neste refúgio? - pergunta David.

– **É o tocador de trompa**, que toma conta dele – responde a donzela. – Na verdade, se um bicho entrasse em meu prado para **beber na fonte clara**, prontamente o tocador tocaria a trompa, para o assustar e cobrir de vergonha.

– É um diabo esse tocador, e faz um trabalho sujo, querendo morder **assim os bichos para que o capim não fique estragado** –torna David. (SCOTT, 1995, p.135-6 – grifos nossos).

Está claro neste *fabliau* que a mulher não se comporta apenas como passiva na relação sexual, a jovem toma atitudes de tocar, percorrer, explorar o corpo masculino, é curiosa, interroga o amante, pede para que ele a toque e explore o seu corpo, o que pode denotar que ela sabia exatamente o que estava fazendo, levando o leitor a concluir que ela era dissimulada.

E por sua vez coloca sobre ele a mão, que não era malfeita nem curta, **e diz que vai ficar sabendo o que ele traz consigo**. Então começou a interrogá-lo e **a apalpar suas cousas, até que o segurou pelo pau**.

– **O que é isto**, David, **tão rijo e tão duro** que poderia furar uma parede?

– Senhora, **é meu potro**, que é mui rijo e sadio. **Mas ele não come desde ontem cedo**.

A jovem **volta a descer a mão** e então **encontra o saco peludo**. **Toca e mexe** nos dois colhões.

– Ora, **o que é isto dentro deste saquinho?** São dois novelos? - pergunta.

David teve réplica rápida:

– Senhora, **são dois ferradores que vigiam meu cavalo quando ele pasta em outras pastagens**. Ficam sempre em sua companhia. **Estão aí para guardar meu potro**.

– **David, coloca teu belo potro para pastar em meu prado**, Deus te guarde. David. se vira para ela. Coloca o pau. sobre seu púbis e diz à donzela, depois que a ajeitou sob seu corpo:

– Senhora, **meu potro está morrendo de sede**. Está ofegando muito, sofrendo muito.

– **Vai dessedentá-lo em minha fonte** - torna ela –Estarias errado de ter medo.

– Senhora, **temo o tocador de trompa. Tenho medo que ele ralhe comigo se o potro entrar**.

– **Se ele reprovar, os ferradores o derrotarão!**

Responde David:

– Está bem dito!

Prontamente lhe **põe o pau na cona** e **faz o que quer, o que deseja**, de tal maneira que a **jovem não o considera lento, pois a revirou quatro vezes**. **E se o tocador de trompa reclamou, foi vencido por dois gêmeos**. (SCOTT, 1995, p. 136-7 – grifos nossos).

Depois de apresentados e analisados aspectos dos três *fabliaux*, poderíamos sintetizar em uma tabela as características das principais personagens masculinas e femininas, a fim de observarmos como a mulher é representada no corpus proposto.

| OS CALÇÕES DO FRANCISCANO | |
|--|--|
| Mulher | Homem |
| Esperta em estratagemas | Inocente |
| Conhece voltas e contravoltas para escapar do perigo | Enganado |
| Sabe mentir para encobrir sua desonra | Pouco amado pela esposa |
| Hábil em artimanhas | Cornudo |
| Cheia de audácia | |
| DA MULHER A QUEM ARRANCARAM OS COLHÕES | |
| Mulher | Homem |
| Deve estimar, obedecer e honrar seu marido | Não colocar esposa acima de si |
| Não deve se encher de orgulho com seu senhor | Não doar tudo a esposa, ela poderá amar menos seu marido |
| Não deve dominar o marido | Deve castigar as tresloucadas. |
| Despreza e contradiz o seu marido | Não devem transformar a mulher em senhores |
| Despreza o marido e tem pouca estima por ele | Estimou demais a sua esposa |
| Tem autoridade sobre a casa e sobre tudo | Características do Conde- Rico, esperto |
| Não se preocupa se o marido sofre | Arma uma armadilha para fazer medo à sua mulher |
| Tem autoridade sobre o marido | Zangado |

| | |
|---|--|
| Deve se comportar como manda o marido, mas não o faz | Violento (pega-a pelos cabelos e atira a submissa por terra. Com um bastão de espinho bate-lhe tanto que deixou quase morta) |
| Desobediente ao marido | Retira da mulher o seu orgulho que lhe fazia ousar lhe arrancando os colhões |
| O seu orgulho é devido aos colhões | Com ferro quente ameaça queimar as raízes |
| A mulher crê que foi corrigida após o conde arrancar-lhe os colhões | O conde foi bem sucedido na sua façanha |
| Jura e faz promessa em obedecer ao seu marido | Bendito seja ele e todos que castigam suas mulheres más. |
| Ela amou seu senhor e serviu-o e nunca mais lhe recusou nada | Os homens fracos são amaldiçoados, que se submetem a sua mulher. |
| A mulher intratável de raça infame terá todos os males recaídos sobre ela. | Mas, se a mulher for boa, deverá ter amor, apego e recompensá-las. |
| Desgraçada seja a mulher que despreza o homem. | * |
| Filha/Condessa – bela e submissa ao marido. | * |
| DA JOVEM QUE NÃO PODIA FALAR DE FODER SEM SENTIR NÁUSEAS | |
| Mulher | Homem |
| A jovem não pode ouvir falar de libidinagem, nem foder sem sentir náuseas e fazer cara sinistra | Bonito, procurava aventuras |
| Não suporta falar em copulação | Velhaco |
| Orgulha, cheia de esquisitices | Diz não gostar de falar sobre foder pois é coisa do diabo (dissimulado) |
| Fica feliz em saber que o rapaz não gosta de falar sobre foda | Troca os nomes das partes íntimas para conquistar a donzela |

Sobre a mulher figurada na literatura medieval, em especial os *fabliaux*, podemos tomar o ponto de vista de alguns críticos sobre as características e os elementos até aqui apontados. Macedo (2002) defende que a forma como a mulher era idealizada na literatura da Idade Média era mais acentuada quando se tratava de seu retrato moral. O destaque se dá na literatura que tem como fim designar modelos de condutas e condenar aquilo que para os autores era considerado vício. Nos três *fabliaux* os narradores convocam os seus leitores a refletirem sobre a moral da época através de histórias (os *fabliaux*) apontadas por eles como verídicas ou dignas de serem seguidas como modelo. Em MQAC aparece no final, sob a forma de súpula (espécie de resumo), a moral da história: “Eis a súpula *deste fabliau: desgraçada seja a mulher que despreza o homem.*” (MQAC, p. 169). Pelas características mostradas na tabela percebemos como a misoginia medieval perpassa, inclusive, os textos literários, ainda que neles as mulheres ajam de maneira mais ousada, com liberdade para o ato sexual, o qual era visto como um ato sujo pela igreja.

Macedo (2002) assinala que, por essas literaturas serem feitas quase completamente por homens e para homens ela constitui um testemunho fundamental dos estereótipos femininos elaborados por clérigos e artistas, relevando raramente o que as mulheres eram na realidade. O autor destaca ainda que, a descrição e a classificação dos comportamentos femininos seguiam critérios religiosos ou morais, as imagens da mulher que se propagava eram luxuosas e pecadora, essencialmente casta e virtuosa, que personificaria a salvação, de uma dama e de uma mulher ardilosa por natureza, sempre disposta a trapacear o homem. Todos esses elementos são importantes na compreensão dos sistemas de valores da época e dos códigos de comunicação presentes num discurso que deve ser lido como expressão do pensamento masculino.

Bloch (1995) enfatiza que a mulher como confusão é um dos topos da literatura medieval, em destaque as “mulheres faladeiras”. Há desejo de silenciá-las, as esposas são retratadas como uma fala perpétua, em relação à qual nenhuma postura inocente é possível. O autor ainda pontua que o pressuposto é que a mulher é o equivalente da decepção, um preconceito tão arraigado no discurso medieval sobre o sexo que frequentemente passa despercebido. A moral acrescentada no final de alguns dos *fabliaux* atesta a aversão à mulher e o *fabliau* MQAC é um exemplo para esta afirmativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os *fabliaux* analisados neste trabalho nos mostraram diferentes perfis femininos, a mulher que queria tomar o lugar do marido, a donzela que cai na conversa de um belo rapaz e a mulher que trai seu marido e consegue muito bem enganá-lo. Mesmo sendo na maioria audaciosas, às mulheres do *fabliaux* cabe o lugar de inferiores ao homem. O homem é o desprezado, enganado, cornudo, a vítima da mulher nas relações amorosas, isto quando os representados são das classes camponesas e burguesas. Quando os amantes masculinos são da corte, eles aparecem como espertos, cortesês e não são enganados pela mulheres.

Pelo fato de ser uma atitude comum na época e aparecer com frequência nos textos religiosos e filosóficos, a misoginia não poderia ser completamente excluída da literatura, que, não sendo isolada de seu contexto de criação recria, representa um período. A mulher é ao mesmo tempo inferiorizada e ousada nos textos analisados. A literatura avança e recua. Não poderíamos exigir que a mulher fosse representada de maneira diferente, dado que devemos manter o olhar de distanciamento temporal. Um dado importante é que em um universo de aproximadamente 140 a 160 *fabliaux* (a crítica não é unânime quanto à classificação do gênero por isso o número varia) analisamos apenas três deles, portanto, nosso resultado é parcial. Uma pesquisa mais profunda e abrangente poderia revelar novos dados acerca do que propusemos.

A igreja católica e seus representantes, a exemplo de São Tomas de Aquino e Santo Augustinho foram fortes divulgadores dos discursos misógeno na Idade Média e colocaram em seus discursos a mulher em uma posição inferior ao homem, relegada à segunda opção da criação divina, representantes diretas do pecado original, capazes de levar a desgraça à humanidade, por isso rebaixadas. A literatura não ficou imune a esta visão.

Por fim, apreende-se que os discursos dos *fabliaux*, ainda que apresentem perfis de mulheres ousadas, corroboram para inferiorizar a mulher, possibilitando perceber nos textos MQAC, OCDF e JNPOFF a visão masculina em relação a um tipo de mulher autoritária, que por meio do poder de seu erotismo e sensualidade poderia dominar ou até manter um determinado controle sobre o homem ou sobre as mulheres consideradas mais frágeis. As mulheres também figuram como enganadoras, dissimuladas, adúlteras, mas no embate masculino x feminino lhes é dado o direito de “vencer”, como no *fabliau* OCDF, no qual a burguesa sai vitoriosa. A intenção dos *fabliaux* parece ser a de ridicularizar tal comportamento, de modo a despertar os homens para que não passem por tal situação. No campo da literatura, a representação pode muito bem se acomodar como “uma compreensão

das representações do mundo social”, descritas sob a ótica de seus autores, como pensam que é o mundo ou como gostariam que fosse.

A visão de inferiorização feminina que permeou o medievo atravessou os tempos e permanece viva em nossa sociedade mesmo depois de vários séculos. Hoje, mesmo depois de ter quebrado vários tabus, a mulher ainda é colocada abaixo do homem em vários segmentos: na mídia, nas capas de revista, na televisão, na música e em programas de humor. A mulher na contemporaneidade é muitas vezes vista como um objeto, como produto da capa de revista e das passarelas ou como mulher-fruta, cachorra, vaca, adúltera, dissimulada o que atesta que a misoginia ainda é uma atitude bastante forte, mas estas questões poderão melhor exploradas em uma pesquisa futura.

REFERÊNCIAS

- BADINTER, Elisabeth. A complementaridade original dos sexos. In: **Um é o outro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, pp. 23-55.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989**: A Revolução francesa da historiografia. 2ªed. São Paulo: Unesp, 1991.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**: estudos de teoria e história literária. São Paulo: Editora Nacional, 1985.
- CERTEAU, Michel. Escritas e histórias. In: **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, pp. 08-23.
- FERREIRA, Antônio Celso et al. Literatura, fonte fecunda. In: **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 61-91.
- GOMES Marco Antônio de Oliveira. **A evolução da historiografia ocidental**: da história da idade média ao materialismo histórico. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.17, mar. 2005p. 118 – 137. Disponível em: <http://www.Revista.histedbr.org/home>
- KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Masculino/ Feminino. In: LEGOFF, Jacques. **Dicionário Temático do Mundo Medieval II**. São Paulo: Edusc, 2006. pp. 137-149.
- LACY, Norris J. Fabliaux. In: KIBLER, William W. (editor) et al. **Medieval France**: an encyclopedia. New York: Garland Publishing, 1995, pp. 635-639.
- LEGOFF, Jacques. Masculino/ Feminino. In: **Dicionário Temático do Mundo Medieval II**. São Paulo: Edusc, 2006. pp. 137-149.
- MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**: A mulher e a família, realidades sociais e atividades profissionais exclusão, preconceito e marginalidade. São Paulo: Contexto, 2002, 108p.
- MACEDO, José Rivair. **O real e o imaginário nos Fabliaux medievais**. In: RevistaTempo. vol. 9, n. 17, Julho, 2004, pp. 1-19. Disponível em <http://www.redalyc.org/home.oa>.
- PASSAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história, **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, jan. 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/>.
- PFEFFER, Wendy E. Antifeminism. In: KIBLER, William W. (editor) et al. **Medieval France**: an encyclopedia. New York: Garland Publishing, 1995. pp. 89-90.
- RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos Pelo Reino de Deus**: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.
- REIS, José Carlos. Introdução. In: **Nouvelle Histoire e Tempo Histórico**: A contribuição Febvre, Bloch e Brudel. São Paulo: Ática, 1994, pp. 09-31.
- REIS, José Carlos. O Marxismo. In: **A história, entre a filosofia e a ciência**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1996, pp.40-53.
- REIS, José Carlos. O Marxismo. In: **História e Teoria**: Historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. 3 ed. São Paulo: FGV, 2007, pp.15-64.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. Acerca do conceito de representação. In: **Revista de Teoria da História**. Ano 3, n. 6, dez/2011, Universidade Federal de Goiás.

SCHAUS, Margaret (ed.). **Women and Gender in Medieval Europe**. London: Routledge, 2006.

SCOTT, Joan. A História das Mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da História - Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1991. pp. 63-95.

SCOTT, Nora. *Pequenas Fábulas Medievais: fabliaux dos séculos XIII e XIV*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SOIHET, Rachel. Et al. História das mulheres. IN: **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Orgs. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Campus, 1997, pp. 275-311.